



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 9, Nº 2, 2024, P. 127-139
ISSN: 2448-2390

A ausência de angústia existencial nos dias atuais

The absence of existential angst today

DOI: 10.20873-rpvn9v1-23

Rúbia Lúcia Oliveira

E-mail: rubia.oliveira@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1133-2126>

Resumo

A partir da compreensão do que é o existencialismo, sua origem e principais representantes, é possível evidenciar a forma como as questões existenciais são suscitadas e vivenciadas e, assim, compreender as diferentes formas de se posicionar no mundo. Para maior compreensão, utilizamos das teorias do filósofo Jean-Paul Sartre e fizemos um paralelo com a escritora Clarice Lispector a fim de culminar numa reflexão sobre a sociedade ocidental atual, com seu excesso de informação superficial e todo tipo de distração que prejudicam a reflexão do sujeito sobre sua própria situação e a constatação da angústia e liberdade. Estamos inseridos em uma sociedade tecnológica, na qual a maioria das pessoas possui um celular com acesso à internet. Por meio das redes sociais, as pessoas conseguem distração em tempo integral, sem necessidade de questionamento ou reflexão. Inseridos nessa realidade virtual e artificial, têm acesso a diferentes tipos de conteúdo que levam a uma alienação no sentido de não se perceber como sujeito situado e livre. Não existe a angústia existencial porque a questão existencial não é suscitada. Entendemos que ser existencial se deve a uma determinada postura diante do mundo, ou melhor, a uma forma de se posicionar no mundo. E essa postura, como veremos, independe da formação filosófica, como é o caso da escritora Clarice Lispector. Sendo assim, compreendemos que o existencialismo, tal como proposto por Sartre é uma forma de “existir” no mundo e não apenas uma teoria filosófica.

Palavras-chave

Existencialismo. Angústia. Informação.

Abstract

By understanding what existentialism is, its origins and main representatives, it is possible to see how existential questions are raised and experienced, and thus understand the different ways of positioning oneself

in the world. For greater understanding, we used the theories of the philosopher Jean-Paul Sartre and drew a parallel with the writer Clarice Lispector in order to culminate in a reflection on today's Western society, with its excess of superficial information and all kinds of distractions that hinder the subject's reflection on their own situation and the realization of anguish and freedom. We live in a technological society, in which most people own a cell phone with internet access. Through social networks, people are able to distract themselves full-time, without the need for questioning or reflection. Inserted into this virtual and artificial reality, they have access to different types of content that lead to alienation in the sense of not perceiving themselves as situated and free subjects. There is no existential anguish because the existential question is not raised. We understand that being existential is due to a certain attitude towards the world, or rather, a way of positioning oneself in the world. And this stance, as we shall see, is independent of philosophical training, as is the case with the writer Clarice Lispector. Thus, we understand that existentialism, as proposed by Sartre, is a way of "existing" in the world and not just a philosophical theory.

Key words

Existentialism. Anguish. Information.

Neste artigo, fazemos uma breve reflexão sobre o existencialismo proposto por Jean-Paul Sartre e sua forma de ser vivenciada, relacionando-o com a sociedade atual, imersa em redes sociais e entretenimento rápido. Elegemos Clarice Lispector, como representante de um existencialismo não acadêmico, por ter suas obras consideradas existencialista e não ser formalmente uma filósofa. A intenção é fazer uma pequena análise sobre o que é vivenciar as angústias existenciais. Nossa sociedade está permeada por excesso de informação e distrações de todos os tipos que contribuem para um pensamento superficial e alienado. Hodiernamente, as necessidades físicas e psicológicas são sanadas de forma imediata e camufladas por ilusões de resultados satisfatórios quando, na verdade, mascaram um vazio existencial que não é percebido e, portanto, não é motivo de reflexão. Sendo assim, a angústia não é sentida de forma plena e, conseqüentemente, não gera um pensamento crítico, mudanças e transformações. A angústia para Sartre é a constatação da fragilidade humana em meio à liberdade inerente. (SARTRE, 1997) E, é sobre essa angústia de cunho existencial que iremos refletir se está presente na sociedade atual da mesma forma que estava presente para Sartre e Lispector, por exemplo, pois, acreditamos que a angústia impulsiona reflexões sobre o que nos move, o que valorizamos e como nos relacionamos com o mundo. Byung-Chul Han (2015)

tem, de certa forma demonstrado como a angústia existencial, tal como proposta por Sartre não é vivida atualmente ao afirmar que na sociedade atual vive-se com a angústia de não estar fazendo tudo o que poderia ser feito, ou seja, é uma angústia de outra ordem, e não a que surge a partir de uma reflexão sobre si mesmo e o mundo em que se está inserido.

O existencialismo é uma corrente filosófica e literária cujas origens remontam ao pensamento do dinamarquês Kierkegaard e que se projetou na França após a Segunda Grande Guerra. Como o nome sugere, o foco é a condição de existência humana. “Pode-se dizer que o termo genérico designa de modo abrangente uma filosofia não sistemática, uma corrente de pensamento que privilegia o concreto, o singular, o ‘vivido’ em relação ao nocional, aos conceitos, às generalidades vagas” (HUISMAN, 2001, p. 8). O existencialismo é caracterizado por concentrar sua análise na existência não como fato de ser, mas como realidade individual mundana. Essa corrente crê na liberdade individual, na responsabilidade e na subjetividade do ser humano. Considera cada sujeito como único e mestre de seus atos e seu destino.

O representante-chave dessa corrente filosófica foi Sartre, para quem o existencialismo é o conjunto de teorias que dá ao homem a responsabilidade de construir seus atos. Com efeito, na visão de Sartre, a existência precede a essência: em primeiro lugar, o ser humano existe; depois é que ele determina sua existência por meio de suas ações. Em sua liberdade, o homem escolhe definir sua natureza. Essa construção da essência ocorre com as escolhas feitas, uma vez que o sujeito é livre; e sua vida é um projeto no qual ele precisa escolher o que quer ser e efetivar sua vontade com suas ações. Logo, é possível perceber que o ser humano vive numa angústia existencial, pois tudo que faz demanda escolhas que se refletem o que ele é. Assim, a angústia é a consequência da liberdade humana de ser responsável por cada uma dessas escolhas. Como cada sujeito é quem decide sua vida, não há como culpar nada nem ninguém.

Além da angústia, outra característica do existencialismo é o desespero. Para essa teoria filosófica, toda a existência humana encontra-se em desespero, na medida em que não há nada que a justifique. O ser humano não é resultado da sua criação ou da sua infância, uma

vez que ele está sozinho no mundo, com liberdade para se inventar, não existe nada anterior à sua existência para definir o que ele é.

Nas palavras de Sartre (2002, p. 594),

O senso comum, com efeito, concordará conosco: o ser dito livre é aquele que pode realizar seus projetos. Mas, para que o ato possa comportar uma realização, é preciso que a simples projeção de um fim possível se distinga *a priori* da realização deste fim. Se bastasse conceber para realizar, estaria eu mergulhado em um mundo semelhante ao do sonho, no qual o possível não se distingue de forma alguma do real. [...] Somos livres quando o termo último pelo qual fazemos anunciar a nós mesmos o que somos constitui um fim, ou seja, não um existente real, como aquele que, na suposição precedente, viria a satisfazer nosso desejo, mas sim um objeto que ainda não existe.

A consciência escolhe a melhor maneira de viver a sua relação com o mundo. Todos os sujeitos fazem um projeto original, que é a forma como se posicionam na situação em que estão inseridos. Esse projeto não é inconsciente, embora seja de natureza não cognoscível. “A cada momento o homem deve escolher o seu Ser, lançando-se continuamente a seus possíveis e constituindo pouco a pouco a sua essência, através dessas escolhas, contando, para agir, somente com a voz da sua consciência” (PERDIGÃO, 1995, p. 90). Nesse sentido, Sartre e Freud se opõem porque, de acordo com este último, o inconsciente é um sistema psíquico que se contrapõe a outro sistema psíquico: o pré-consciente-consciente. O fenômeno do inconsciente em Freud não permite que o homem seja de todo responsável por suas escolhas, pois esse é um fenômeno que ele não domina nem conhece.¹

Convém ressaltar que os primórdios dessa teoria filosófica apareceram em meados do século XIX, no pensamento dos filósofos Kierkegaard e Hegel (1770–1831).

Não foi tanto Hegel, mas Kierkegaard, o primeiro a usar o termo “existência” em seu sentido moderno, diz Merleau-Ponty, e esse sentido é precisamente aquele consubstanciado na crítica de Kierkegaard a Hegel: a existência não se deixa absorver pelo conceito, pelo sistema, pela ideia. A existência implica de imediato uma inerência, uma encarnação, uma situação que é inultrapassável pelo conceito. Verdade, nota Sartre, que é a religião que Kierkegaard quer defender, verdade que ele é um cristão romântico que luta contra a racionalização da fé, verdade que ele procura, incansavelmente, escapar à “terrível mediação” e que, por isso mesmo, seu subjetivismo religioso pode passar por cúmulo do idealismo, mas resta que ele tem razão contra Hegel e representa um progresso em relação a ele: ao afirmar que a vida

¹ Em 1971, quando Sartre escreveu sobre a vida de Flaubert (*L' idiot de la famille*), sua obra foi inteiramente dependente dos conceitos de Freud de inconsciente e recalque, embora ele não formule sua adesão ao aparato de análise freudiana.

subjetiva, enquanto vivida, não pode jamais ser objeto de um saber, Kierkegaard afirma a irreducibilidade do vivido, isto é, de um certo real ao pensamento e o seu primado. [...] Daí por que, para o existencialista, a questão é menos a de afirmar os direitos inalienáveis da subjetividade, mas a de encontrar nela sua própria transcendência; menos que mostrá-la insubmissa ao conceito, a questão é mostrar que o conceito se funda nessa estrutura existencial (MOUTINHO, 2010, p. 3).

Ao se relacionar com o existencialismo, Hegel se refere apenas “[...] à consciência universalizada de todos os indivíduos, ou seja, ainda à unidade das consciências, ou finalmente, como ele diz, a ‘um Eu que é um Nós e um Nós que é um Eu’” (FERREIRA, 1976, p. 34). Nesse contexto, os existencialistas e Hegel se diferem; como diz Ferreira (1976, p. 34),

Sem dúvida, eu posso comunicar a outrem que $2 + 2$ são 4. Mas o nosso mundo interior não se reduz a uma Aritmética. Há pois em nós dois mundos: um, que é os das verdades genéricas, das verdades abstratas, das puras ideias — e este, realmente, pode comunicar-se e fixar-se em sistema: outro, que é o das verdades vividas, das intimidades de nós, do inefável — e esse é estritamente pessoal.

Uma das definições mais completas sobre a diferença entre o materialismo filosófico e a filosofia da existência foi feita por Sartre no livro *O existencialismo é um humanismo* (2012, p. 34), onde ele destaca que

Todo materialismo tem como efeito tratar todos os homens, inclusive a si mesmo, como objetos, isto é, como um conjunto de reações determinadas que em nada se distinguem do conjunto de qualidades e fenômenos que constituem uma mesa, uma cadeira ou uma pedra. Nós queremos, precisamente, constituir o reino humano como um conjunto de valores distintos do reino material.

Ao prosseguir nessa análise do reino humano diante do existencialismo, Sartre parte do indivíduo e da sua subjetividade; segundo ele,

Há dois sentidos no termo subjetivismo e nossos adversários se aproveitam desse duplo sentido. Por um lado, subjetivismo expressa a escolha do sujeito individual por ele mesmo e, por outro, significa a impossibilidade humana de ultrapassar essa subjetividade. É o segundo sentido que é o sentido profundo do existencialismo (2012, p. 20).²

Percebe-se, então, que os conceitos de liberdade e angústia analisados por Sartre já tinham sido trabalhados por Kierkegaard. Talvez por isso o francês tenha considerado o

² Onde a abreviação “p.” aparecer sem indicativo de fonte (autor e data), é porque se refere ao autor e à data citados imediatamente antes. Adotamos esse critério para evitar repetição que vemos desnecessária

filósofo dinamarquês como primeiro autor a trabalhar os conceitos existencialistas. Com efeito, em *O conceito de angústia*, Kierkegaard explora noções bíblicas para estabelecer vínculos entre o pecado, a angústia e a liberdade. Segundo ele, o chamado pecado original condenou o ser humano ao eterno sentimento de culpa, dificultando a sua liberdade.

Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho quanto no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!... Deste modo a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se (KIERKEGAARD, 2011, p. 67).

A temática de Sartre faz uma revisão desses conceitos e se inspira no pensador francês René Descartes (1596–1650) quando declara que

Não é possível existir outra verdade, como ponto de partida, do que essa: penso, logo existo, é a verdade absoluta da consciência que apreende a si mesma. Toda teoria que assume o homem fora desse momento em que ele apreende a si mesmo é, antes de qualquer coisa, uma teoria que suprime a verdade, pois fora desse *cogito* cartesiano todos os objetos são apenas prováveis, e uma doutrina de probabilidades, que não é elevada a uma verdade afunda no nada; para definir o provável é preciso possuir o verdadeiro (SARTRE, 2012a, p. 33).

Descartes é um pilar dos filósofos existencialistas por causa do chamado *cogito* cartesiano (*cogito ergo sum*: penso, logo existo), tido como a fonte do racionalismo filosófico. Além disso, procurou indicar, com o *cogito*, a origem da análise do mundo. O que Descartes apresenta, pela atitude racional, é o que Sartre realiza em *A náusea*, que destaca tal atitude.

Roquentin encarna o método. Pois através de suas andanças revela-se-lhe, progressivamente, a clareza de uma verdade última. Para Sartre, não se trata de alcançar apenas um primeiro princípio intelectual, mas um primeiro princípio existencial que, além de permitir o acesso à verdade do reino humano, deverá ser aceito também como instaurador de todo um programa de vida (BORNHEIM, 1984, p. 16).

Ao analisar as questões do indivíduo isolado e concreto, a fonte inspiradora de Sartre “[...] é Heidegger, ao definir o homem como um ser-no-mundo” (BORNHEIM, p. 18). Mesmo não se definindo como existencialista, Heidegger conseguia ver traços interessantes dessa corrente filosófica em Sartre, por isso tinha muita admiração pelo trabalho dele.

A especificidade (e a originalidade) da filosofia de Heidegger consistiu em denunciar, numa certa tradição da metafísica, um prejudicial *esquecimento do ser*. Dos gregos aos pensadores contemporâneos, todos ocultaram a questão do ser “usando” esse último como ponto de partida de uma filosofia ou como ponto de chegada para responder a um problema, negligenciando considerar o ser por ele mesmo e dar deste uma definição clara e precisa. Para Heidegger, falar do ser não é dar conta do ser (HUISMAN, 2001, p. 99).

Para Heidegger (2002, s. p), o filósofo francês demonstrava “[...] uma compreensão imediata dessa filosofia, de uma forma como nunca havia testemunhado antes”. Sartre estava interessado na compreensão do sujeito, na subjetividade, enquanto Heidegger focava no ser como fenômeno para a consciência.

O existencialismo [...] é uma filosofia que trata diretamente da existência humana. Sua reflexão está concentrada na análise do homem particular, individual, concreto. À analítica existencial, por sua vez, nenhum interesse demonstra pela existência pessoal e os problemas dela oriundos. Em *Ser e Tempo*, seguindo a recomendação husserliana, o propósito de Heidegger é discutir o Ser, é estabelecer uma ontologia geral, descrevendo os fenômenos que o caracterizam, tais como se apresentam à consciência. Trata-se, enfim, de elaborar uma teoria do Ser (PENHA, 1983, p. 34).

Heidegger³ retoma a discussão sobre os questionamentos do ser. Até então, considerava-se que ele era algo que não precisava ser definido. Em seus estudos, o alemão aprofunda essa retomada ontológica do ser, atualiza sentidos que perduravam na história filosófica. Encobertos em relação aos questionamentos sobre o ser, esses conceitos tinham, como origem, pressupostos históricos a serem esquecidos. Avaliando essa atitude de Heidegger, Nunes explica que toda essa radicalidade é

[...] a reatualização da ontologia fundamental, mascarada nos pressupostos históricos, e que historicamente se tornaram conceitos efetivos, que a destruição propugnada por Heidegger tem por fim conseguir. Assim, como esclarece o filósofo, a destruição da ontologia nega a validade imediata do pensamento transportado pela História. Nega, portanto, a tradição, demolindo-a enquanto veículo interpretativo, que veio do passado ao presente. Mas “não quer sepultar o passado no Nada; ela tem um alvo positivo; sua função negativa é indireta e tácita”. Ela visa a destroçar a vigência doutrinária, teórica, de todas as interpretações que bloquearam a possibilidade atual de se propor, com toda a amplitude necessária, a indagação do Ser (NUNES, 1966, p. 81).

³ Heidegger substituiu as antigas metafísicas que negligenciaram analisar o ser em sua relação com o tempo pelo que chama de *ontologia fundamental*, que consiste em analisar e interpretar a inerência do ser ao tempo. Por “ontologia fundamental” é preciso entender uma compreensão do ser a partir de seu fundamento temporal (HUISMAN, 2001, p. 102).

O tema-chave do existencialismo está na constatação da solidão do ser humano. Segundo a filosofia da existência sartreana, o homem está sozinho e abandonado por Deus,⁴ sendo obrigado a lidar com sua liberdade desde o início de sua existência. Dentre outras condições, a solidão seria oriunda, então, do despreparo do homem para lidar com as questões de sua existência. “A liberdade não é escolha, mas não liberdade de não escolher. Não escolher, com efeito, é escolher não escolher. De onde o absurdo da liberdade que força nossa responsabilidade aos olhos do mundo” (SARTRE, 1947, p. 56). Com efeito, não escolher é fazer uma escolha. Ainda à luz de Sartre, as percepções do homem sobre sua existência o levam, também, a tentar entender a relação com o outro. Afinal, a existência no mundo supõe levar em consideração o modo como um ser se relaciona com outro; sobretudo, entender como o outro se relaciona com o indivíduo. Relacionar-se com o outro não pode ser um ato de exclusão; tem de ser de interação.

Com base nesses princípios existencialistas de Sartre, buscamos entender a sociedade atual. A partir da observação do comportamento das pessoas, principalmente por meio das redes sociais, é possível depreender uma atitude em desencontro com o que propõe o existencialismo; ou seja, não se observa uma postura de base filosófico-existencialista na sociedade cibernética em que estamos inseridos, o *Ser* não está em questão. Lembrando que entendemos que, viver de forma filosófica-existencialista independe de formação filosófica acadêmica porque é uma forma de estar-no-mundo, de se situar no mundo. Para exemplificar isso, temos a Clarice Lispector, a qual além de não ter formação formal em filosofia, afirmava desconhecer as teorias existencialistas.

Indagada sobre essa influência [existencialismo], a escritora nega. Informa que ouviu falar de [Jean-Paul] Sartre em Belém, quando escrevia *O Lustre*, através de um professor de literatura. Mas também informa noutra ocasião, nunca nem ter ouvido falar de Sartre antes de escrever o romance *A maçã no escuro*. E confirma não haver recebido influência nenhuma: Não. Nenhuma, nenhuma. Minha náusea inclusive é diferente da náusea de Sartre. Minha náusea é sentida mesmo! Que quando era pequena não suportava leite! E quase vomitava quando tomava leite! Pingavam-no na minha boca, quer dizer, eu sei o que é a náusea do corpo todo, da alma toda! Não é sartriana, não! (GOTLIB, 2011, p. 424-5).

⁴ Há existencialistas ateus como Jean-Paul Sartre e cristãos como Søren Kierkegaard (1813–1855). Contudo, cabe ressaltar que Sartre não discute a existência de Deus em suas obras; apenas parte do princípio de que o homem está só no mundo e, logo, faz-se a todo instante.

Contudo, mesmo diante de tais afirmações e do fato da escritora não ter se formado em filosofia, é possível vivenciar as questões existenciais por meio da leitura de suas obras.

A ficção de Lispector insere-se no contexto da filosofia existencialista, contexto esse formado pelas doutrinas que, muito embora diferenciado em suas conclusões, partem da mesma intuição kierkegaardiana do caráter pré-reflexivo individual e dramático da existência humana, e tratam de problemas como a angústia, o nada, o fracasso, a linguagem, a comunicação das consciências (NUNES, 1966, p. 84).

Entretanto, atualmente além de não observarmos a reflexão sobre questões existenciais na maior parte da sociedade, há uma escassez de leitura desse cunho que poderiam suscitar a angústia e a busca por entendimentos mais profundos. Não podemos diminuir a importância do momento histórico que Sartre e também Clarice Lispector viveram e que com certeza teve muita influência na forma como se posicionavam e entendiam o mundo. Ambos comungaram das questões primárias do existencialismo. Ainda que tenham vivido em países diferentes e experimentado situações e condições distintas, estavam em contextos históricos semelhantes: as condições sociais e políticas resultantes da Segunda Grande Guerra, em meio às quais não só pensamentos e posicionamentos existencialistas se impuseram, mas também movimentos feministas como o defendido por Simone de Beauvoir, companheira de toda a vida de Sartre.

Clarice Lispector é um bom exemplo para entendermos como se pode tratar de forma existencial o sujeito no mundo mesmo não sendo uma filósofa *em-si*. Como mulher, transgredia valores e padrões sociais e como tal, suscitava admiração e desconforto, não só em meio aos homens, mas também às mulheres. Ainda que nunca tenha afirmado um público leitor ideal — ou seja, para quem escrevia — na medida em que as mulheres eram sempre as protagonistas de suas obras e Clarice relatava situações cotidianas, a identificação das leitoras era, de certa forma, fácil e, até mesmo, previsível.

Embora os ideais de Sartre deixem entrever descrença no homem e no futuro, esse contexto histórico foi uma época propícia ao seu surgimento. Novas análises necessitavam ser feitas. Novos valores precisavam ser disseminados. Eis por que o contexto de surgimento do

existencialismo pode ser visto como de transição: de uma época quando a política e a sociedade se desgastaram para um tempo de renovação em que o sujeito se percebe como autor e coautor de sua realidade. Vários escritores literários se valeram de conceitos do existencialismo na composição de suas narrativas, sobretudo aquelas cujo narrador se aproxima dos dramas da personagem (o outro), da busca da personagem pela sua essência e da existência do ser humano. Em relação a essa situação vivenciada na contemporaneidade, Heidegger continua sendo atual quanto ao “diagnóstico” da sociedade. Em suas obras ele aborda a angústia do sujeito e os meios utilizados para “esconder” ou “mascarar” tal sentimento por meio da técnica. De acordo com Heidegger, o sujeito moderno nega e foge da própria realidade e, por isso, problematiza o fato deste colocar a ciência como único modelo de verdade.

Para Heidegger (1989) toda angústia é, em última instância, angústia em relação à finitude da existência. Morte e angústia são presenças inalienáveis da experiência humana. No entanto, também é própria ao ser-aí humano a tendência para desviar-se da experiência da finitude por intermédio de interpretações impessoais, que tratam a morte como uma mera contingência a que todos estão sujeitos (DANTAS; NOVAES; CARRETEIRO, 2009, *on-line*).

Como vemos, um sintoma do homem contemporâneo é a fuga, ou melhor, é a fuga do pensamento por meio do pensamento calculador. Esse tipo de pensamento em que tudo se pretende calcular, enumerar e dominar é tipicamente contemporâneo.

Existem, portanto, dois tipos de pensamento, sendo ambos à sua maneira, respectivamente, legítimos e necessários: o pensamento que calcula e a reflexão (*das Nachdenken*) que medita. [...] um pensamento que medita surge tão pouco espontaneamente quanto o pensamento que calcula. O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício. Contudo, tal como o lavrador, também tem que saber aguardar que a semente desponte e amadureça (HEIDGGER, 2010, p. 13-4.)

Em consonância com Heidegger em relação ao “mal-estar” na civilização contemporânea, tem-se o polonês Bauman, que caracteriza a sociedade atual como “líquida”. Essa sociedade tem como principais marcas o consumo e a aceleração.

[o] que temos em mente é que a nossa é uma “sociedade de consumo” no sentido, similarmente profundo e fundamental, de que a sociedade dos nossos predecessores, a sociedade moderna nas suas camadas fundadoras, na sua fase industrial, era uma “sociedade de produtores”. Aquela velha sociedade moderna engajava seus membros primordialmente como produtores e soldados... A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor. A norma que nossa sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade de desempenhar esse papel (BAUMAN, 1999, p. 87–8).

Assim, a contemporaneidade em que Sartre e Clarice estão inseridos tem características que permitem a alienação tanto quanto o pensamento crítico. E hoje? Será que estamos nas mesmas condições? Acreditamos que, apesar dos contextos distintos, sempre se pode ter questões existenciais suscitadas de forma mais efetiva, contudo, não é isso que observamos. Defendemos que ser existencialista é uma postura ante a vida e suas facticidades. Isso significa que entendemos que o existencialismo está evidente na maneira como a pessoa vive, e não apenas por meio das formulações de tratados filosóficos. Daí a diferença básica entre Sartre e Clarice. Enquanto ele escreveu tratados sobre esses conceitos e obras literárias sobre a mesma temática, além de ter uma postura filosófica no seu dia a dia, ela não escreveu tratados filosóficos e recorreu à arte para demonstrar suas ideias; mas vivia de forma existencialista, conforme se depreende da leitura de suas obras e biografias. O livro de Nádia Battela Gotlib, por exemplo, é bastante rico em relação a informações sobre a vida particular e cotidiana de Clarice. Por meio dos relatos é possível entender e compreender muito da personalidade dela, que vai além de suas obras. Sendo assim, ser existencialista ultrapassa a escrita de uma filosofia, pois, ser existencial é ter certa postura no mundo, é um despertar de consciências.

Diante da compreensão do que é o existencialismo, a nossa reflexão visa questionar e problematizar a sociedade em que estamos inseridos. Não temos a pretensão de oferecer respostas conclusivas, mas apontar questões e comportamentos que parecem não implicar em angústias existenciais.

Partindo do entendimento que para ser possível suscitar questões existenciais o sujeito precisa se compreender como livre e em relação com o outro, numa sociedade tecnológica

com excesso de informações superficiais e inúmeras distrações, a capacidade de reflexão sobre a própria existência fica comprometida. Podemos dizer que não há “tempo” para se ver como sujeito situado. Dessa forma, a vida fica automatizada e a angústia que possa vir a surgir, não está relacionada com a compreensão da realidade humana, mas sim com o sentimento de não-pertencimento a um determinado nicho.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARROS, D. L. Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, Diana L. Pessoa de; FIORIN, José Luís (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: ed. USP, 2003.
- BARTHES, R. *Introdução estrutural da narrativa*. Trad. M. Z. Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BENJAMIN, W. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, F. R. (Org.). *Walter Benjamin*. Trad. F. R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas v. 1).
- BORNHEIM, G. A. *Sartre: metafísica e existencialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- CAMUS, A. *A inteligência e o cadafalso e outros ensaios*. Trad. M. Costa Pinto e C. Murachco. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CIORAN, E. M. *Breviário da decomposição*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- FERREIRA, V. F. *Espaço do invisível: ensaios*. Lisboa: Portugalia, 1976.
- GELI, C. “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização” – Diz o filósofo Sul-Coreano Byung-Chul Han. Barcelona, El País, Portal UFC. 2018. Disponível em: <https://oppce.ufc.br/pt/hoje-o-individuo-se-explora-e-acredita-que-isso-e-realizacao-diz-o-filosofo-sul-coreano-byung-chul-han/> Acesso em: 28/10/2024.
- GOTLIB, B. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, n. 1091. Belo Horizonte, dezembro de 1987, p. 8–9.
- HAN, B.-C. *Sociedade do Cansaço*. Trad. E. P. Gianchini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAZEL, R. *Tête-à-tête: Simone de Beauvoir e Sartre*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- HEIDEGGER, M. [Texto de quarta capa]. In: SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. P. Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Rio de Janeiro. Edições 70, 2010

- HUISMAN, D. *História do existencialismo*. Bauru: EDUSC, 2001.
- KAUFMANN, W. *Existencialism from Dostoevsky to Sartre*. Nova Iorque: Meridian Books, 1960.
- KIERKEGAARD, S. A. *O conceito de angústia*. Rio de Janeiro: Vozes de Bolso, 2011
- LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LUCAS, F. *O caráter social da literatura brasileira*. São Paulb: Quíron, 1976.
- LUCCHESI, I. *Crise e escritura uma leitura de Clarice Lispector e Vergílio Ferreira*. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 1987.
- MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 1980.
- MOUTINHO, L. D. S. *Sartre: psicologia e fenomenologia*. São Paulo: FAPESP, 1995.
- MOUTINHO, L. D. S. O que é existencialismo? *Cult*, n. 91, 2010. Disponível em:
<<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/o-que-e-existencialismo>>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- NUNES, B. *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1966.
- SARTRE, J.-P. *A náusea*. Trad. A. Coimbra Martins. Lisboa: Europa-América, 1969.
- SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. V. Ferreira. Lisboa: Presença. 1978.
- SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- SARTRE, J.-P. *O existencialismo é um humanismo* Petrópolis: Vozes de Bolso, 2012.
- SARTRE, J.-P. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SARTRE, J.-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Trad. P. Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SARTRE, J.-P. *O que é a literatura?* Trad. C. F. Moisés. São Paulo: Ática, 2004.
- SARTRE, J.-P. *As palavras: memórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteiras, 2005.
- SARTRE, J.-P. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Recebido em: 08/07/2024
Aprovado em: 08/11/2024

Rúbia Lúcia Oliveira

Professora da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) com atuação interdisciplinar nas áreas de Filosofia e Ciências Sociais, com foco no existencialismo e suas implicações éticas e culturais. Desenvolve pesquisas sobre a relação entre filosofia existencialista e os saberes ancestrais de comunidades tradicionais, promovendo diálogos entre diferentes formas de conhecimento. Possui experiência em ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para projetos que fortalecem a valorização e a autonomia dessas comunidades, além de fomentar reflexões sobre identidade, liberdade e sentido da existência.